

ENVELHECIMENTO E AIDS: crenças de pessoas com 50 anos ou mais residentes em cidades rurais

Liandra Barbosa Araujo¹
Lisa Martha Silva David²
Arthur Marcell Campos Arruda³
Elayne Cristina de Sousa Chagas⁴
Josevânia da Silva⁵

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar as crenças que as pessoas com 50 anos ou mais residentes em cidades rurais possuem sobre Aids, Pessoa idosa e Pessoa Idosa com Aids. Participaram 400 pessoas com 50 anos ou mais residentes em cidades rurais da Paraíba. Foram utilizados os seguintes instrumentos: a) Questionário sociodemográfico e o Teste de Associação Livre de Palavras. Na análise das crenças dos participantes sobre os estímulos indutores “Aids”, “Idoso” e “Pessoa idosa com Aids”, foi observado um total de 3.221 palavras associadas, as quais foram estruturadas em três categorias temáticas: Crenças sobre a pessoa idosa, Crenças sobre Aids e Crenças sobre idosos com Aids. As palavras “Aids” e “Pessoa idosa com Aids” foram associadas a aspectos negativos que faziam referência à morte e ao sofrimento. A palavra “idoso” foi associada com crenças positivas, embora tenham sido evidenciadas associações com crenças negativas. Tais achados estão relacionados com as crenças sociais sobre a doença neste grupo etário.

Palavras-chave: Aids; Envelhecimento; Crenças.

INTRODUÇÃO

A AIDS no Brasil passou por mudanças ao longo do tempo que alteraram as formas de tratamento e o perfil epidemiológico. Podemos observar a disseminação de relações sexuais desprotegidas entre mulheres heterossexuais, além da ocorrência de epidemias microrregionais, com diferentes taxas de crescimento e progressiva expansão da doença para áreas mais distantes dos centros urbanos, de menor porte e mais pobres, o que caracteriza uma “pauperização” (SOUZA et al. 2012; BRITO, CASTILHO & SZWARCOWALDS, 2001). Essa tendência do crescimento da Aids em municípios distantes das principais áreas metropolitanas, denominado

¹Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; liandrabaraujo@gmail.com;

²Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lisa.david@aluno.uepb.edu.br;

³Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, arthurmcarruda@gmail.com;

⁴Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB psicoelaynechagas@gmail.com;

⁵ Orientador - Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; josevania.psi@gmail.com

de interiorização, afeta comunidades que podem dispor de menos recursos sociais e no âmbito da saúde (Reis, Czeresnia, Barcellos e Tassinari, 2008).

Também podemos perceber uma redução na taxa de detecção da Aids no Brasil, que passou de 21,4/100.000 habitantes (2012) para 17,8/100.000 habitantes em 2018, configurando um decréscimo de 16,8% (Ministério da Saúde, 2019). Entretanto, essa diminuição na detecção não ocorre de forma heterogênea em todos os segmentos da população. De fato, segundo o boletim epidemiológico emitido pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (2019) houve 1047 notificações de HIV/aids em pessoas com mais de cinquenta anos de idade no ano de 2009, sendo 1710 casos notificados em pessoas com essa idade em 2019. Esses números mostram que o aumento na detecção de Aids na população acima de cinquenta anos, o que não condiz com a diminuição na taxa de detecção de Aids, apontando a necessidade de observar de forma mais pontual essa população.

Também nessa linha, Andrade, Ayres, Alencar, Duarte e Parada (2017) colocam que a vulnerabilidade e a baixa adesão do uso do preservativo nesse grupo estão associadas a a dificuldade dos idosos em se verem vulneráveis às IST, a ideia de que a parceria fixa dispensa o uso do preservativo, tornando o casamento um lugar seguro, além da percepção de que por não estarem em período fértil não têm risco de contrair IST e entre outros fatores. Fonte, Saldanha e Araújo (2009) indicaram, também, que a AIDS é representada nesses idosos como doença do “outro”, de alguém diferente e distante de si mesmo.

Nesse sentido, as crenças associadas à doença e ao próprio envelhecimento são colocados como possíveis fatores de vulnerabilidade de ISTs em pessoas com mais de cinquenta anos (ANDRADE, AYRES, ALENCAR, DUARTE & PARADA, 2017). Santos e Assis (2011) correlacionam o aumento de casos notificados entre adultos maduros e idosos com fatores relacionados à invisibilidade do sexo na velhice, à pequena adesão de homens idosos aos preservativos masculinos e ao retardamento de políticas de prevenção direcionadas a este grupo etário, como a ampliação do acesso a medicamentos para distúrbios eréteis e a participação de idosos em grupos de convivência.

Na perspectiva da psicologia social, Krüger (2011) define crenças como afirmativas feitas por qualquer pessoa fundamentadas na própria experiência. Para ele, as crenças possuem conteúdo simbólico sendo, portanto, manifestadas objetivamente pela via oral ou escrita. Nesse sentido, o autor complementa afirmando que as crenças podem ser compreendidas como representações mentais, que se correlacionam com os processos cognitivos, afetivos, conativos e motivacionais. Krüger (2011) ressalta que o nível de aceitação subjetiva das crenças interfere proporcionalmente nas tomadas de decisão que orientam nossas condutas sociais. O autor

defende que as crenças se manifestam nas nossas experiências coletivas, de forma a influenciar, de maneira não consciente, nossas práticas sociais, além de atribuírem sentidos às nossas experiências. Assim, considera-se que as crenças que as pessoas constroem no âmbito pessoal são atravessadas pelos seus grupos de pertencimentos e contextos, interferindo nas tomadas de decisão e condutas sociais.

Desse modo, é importante investigar e compreender as crenças, bem como o processo multifatorial no qual elas são formadas, para formular intervenções psicossociais adequadas, considerando os processos de vulnerabilidade. Diante disso, essa pesquisa considerou o seguinte problema de pesquisa: quais as crenças de pessoas com 50 anos ou mais, residentes em cidades rurais, sobre “Aids”, “Pessoa idosa” e “Pessoa Idosa com Aids”. O objetivo deste estudo foi analisar essas crenças e identificar, a partir delas, os processos de vulnerabilidade à Aids entre os residentes em cidades rurais, e a partir das crenças dos participantes, os processos de vulnerabilidade à Aids entre eles.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e analítico de caráter transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa. Ressalta-se que esta pesquisa faz parte de um estudo maior financiado pelo Edital Universal – CNPq (2016). Participaram, de forma não probabilística e acidental, 400 pessoas com 50 anos ou mais de idades, residentes em cidades rurais da Paraíba. A idade dos participantes variou entre 50 a 90 anos ($M=61$; $DP=8,62$), sendo 69,5% do sexo feminino.

A coleta de dados foi realizada em municípios paraibanos com número populacional de até 10 mil habitantes, caracterizados como municípios rurais ou de pequeno porte. A Paraíba possui dezesseis microrregiões de saúde, as quais compõem quatro macrorregiões de saúde, o que possibilita ter acesso a indicadores dos territórios, incluindo os contextos rurais (Paraíba, 2015). Dessa forma, a pesquisa foi realizada de forma equilibrada nas quatro macrorregiões de saúde da Paraíba: João Pessoa (26,3%), Campina Grande (33%), Cajazeiras (17,5%) e Sousa (23,3%).

Foram utilizados os seguintes instrumentos: a) *Questionário sociodemográfico*, com o objetivo de caracterizar da amostra; b) *Teste de Associação Livre de Palavras*: é um tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas a partir de um estímulo indutor (neste estudo, Aids, Idoso e Pessoa idosa com Aids). Os dados decorrentes do questionário sociodemográfico foram analisados através de estatística descritiva e de posição.

Ja os dados da Associação Livre de Palavras foram analisados a partir da análise de conteúdo do tipo categorial temática (Bardin, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 400 pessoas, o sexo feminino predominou com 60,5%, idade dos participantes variou entre 50 e 90 anos ($M=61$; $DP=8,62$), sendo predominantemente catolica (85,6%), e 66,9% com renda mensal de 1 a 2 salários mínimos,. A maioria possuía apenas o Ensino fundamental I com 42,4%, seguidos por sem escolaridade (21,6%). 52,9% eram aposentados, seguido pelo grupo de desempregados com 32,8%. 66,2% dos entrevistados com estado civil casados, 14,9% eram viúvos, 7,6% divorciados e solteiros 11,3%.

Em relação às crenças dos participantes sobre os estímulos indutores “Aids”, “Idoso” e “Pessoa idosa com Aids”, foi observado um total de 3.221 palavras associadas, que foram estruturadas em três categorias temáticas: Crenças sobre a pessoa idosa, Crenças sobre Aids e Crenças sobre idosos com Aids (Tabela 2).

Tabela 2. Análise categorial temática.

Categorias Temáticas	f (%)	Unidades de Conteúdo
Crenças sobre Aids	1568 (48,7%)	Doenças; Medo; Morte; Perigoso; Ruim; Sofrimento; Triste/Tristeza; Sem cura; Prevenção.
Crenças sobre a pessoas idosa	882 (27,4%)	Experiência; Felicidade; Bom; Medo de morrer; Respeito; Saúde; Velhice.

		Morte; Fim da vida; Perigoso;
Crenças sobre idosos com Aids	771 (23,9%)	Ruim; Sofrimento; Triste; Complicado; Pena.
Total	3221 (100%)	

Fonte: dados da pesquisa

A categoria “Crenças sobre Aids” foi a que abarcou o maior número de evocações (48,6%). A partir das unidades de conteúdo é possível observar que, para os participantes, a Aids é considerada como sinônimo de morte e sofrimento. Esse dado, quando comparado com outra pesquisa sobre as representações sociais da HIV/aids realizada com adolescentes (CASTRO *et al.* 2019), percebe-se um aparecimento menor de aspectos negativos nos mais jovens (embora ainda esteja presente) com a centralidade do termo “doença” no que representa o VIH, bem como o conhecimento sobre o processo de transmissão e de proteção. Tal diferença geracional pode ser um reflexo da experiência do “bum” da Aids na década de 80 pelos idosos, uma vez que essa época foi marcada pela certeza da presença da morte na vida das pessoas diagnosticadas com o HIV, de forma que a pessoa soropositiva representava o papel de “portador da morte” e sofria com a ameaça adicional da “morte civil” pela associação moralizante com a ideia de “promiscuidade” e homossexualidade (SIMÕES, 2018).

Além disso, alguns participantes evocaram crenças que enfatizaram aspectos relativos à prevenção. De fato, outros estudos mostram que a população acima de 50 anos têm acesso ao conhecimento sobre a prevenção do HIV e a importância do uso da camisinha (BOLAÑOS-GUTIÉRREZ e SUAREZ LUGO, 2020).. Em Havana, Cuba, foi realizado um estudo transversal descritivo com 536 pessoas com mais de 50 anos, de janeiro de 2018 a junho de 2019, e foi encontrado conhecimento suficiente sobre a rota de transmissão e prevenção do HIV, bem como o entendimento do uso positivo da camisinha como forma de prevenção de DSTs na maioria dos entrevistados (BOLAÑOS-GUTIÉRREZ e SUAREZ LUGO, 2020). Entretanto, vale salientar que apenas o conhecimento sobre a prevenção ou a rota de transmissão do HIV não significa o uso de preservativos. Nessa mesma pesquisa, verificou-se que apenas 16,2% dos entrevistados sempre o utilizam; dessas mulheres representavam 9% e os homens 7,3%, e no critério de nunca usar preservativo, quase metade (48%) afirmou que nunca o utiliza, as mulheres ultrapassaram a proporção, com 32,6% em relação aos homens (16,2%) (BOLAÑOS-GUTIÉRREZ e SUAREZ LUGO, 2020).

Tal resultado pode se dar por causa estar ligado ao maior percentual de entrevistados sendo mulheres e casados, o que constitui uma barreira relacionada ao gênero. Leite, Moura e Berlezi (2007) observaram que os idosos que possuem relações conjugais estáveis se veem menos vulneráveis a contrair HIV/Aids, posto que se sentem menos expostos à contaminação por ter apenas um parceiro. Fontes, Saldanha e Araújo (2009) apontaram que os idosos acima de 50 anos, em geral, não se veem como vulneráveis à AIDS. Isso os leva a comportamentos não preventivos, já que subestimam ou ignoram a própria vulnerabilidade à doença. Assim, Silva, Nóbrega e Picheli (2015) também demonstraram em sua pesquisa que os idosos nessa faixa etária não acreditam que possam contrair AIDS por meio do sexo, o que os leva a praticarem relações sexuais sem prevenção.

Já a segunda categoria, que versou sobre as crenças em relação ao “idoso”, demonstrou que a pessoa idosa foi associada com aspectos que apontam para crenças positivas, como experiência e felicidade. Em outros estudos sobre representações sociais sobre idosos em idosos também se verificou a presença de termos positivos comuns, com experiência, sabedoria e felicidade compondo o sistema central das crenças em vários estudos (SANTOS, TURA & ARUDA, 2013; TORRES *et al.* 2015; SILVA SOUZA, *et al.* 2018). De fato, “pelos pesquisas sobre representação social do envelhecimento, velhice e da pessoa idosa (...) percebemos que os elementos voltados ao idoso evidenciam o papel social de “Avô” ou características e objetos que os representam (cabelos brancos, rugas, bengala)” (TORRES *et al.* 2015, p. 3622)

Contudo, também foram identificadas crenças negativas, nas quais o idoso é compreendido como alguém que está perto da morte e com mais doenças. A associação com doenças e mortes também pode ser percebido em outros estudos (SANTOS, TURA & ARUDA, 2013; DANIEL, ANTUNES & AMARAL, 2015; TORRES *et al.* 2015; LOCATELLI, 2017; SILVA SOUZA, *et al.* 2018), algo que pode ser explicado tanto pela maior chance de adoecimento dos idosos em decorrência ao declínio da capacidade de adaptação às agressões endógenas e exógenas (SILVA SOUZA, *et al.* 2018), bem como pelo fato da sociedade supervalorizar a visão da velhice como exclusivamente um conjunto de perdas (DEBERT, 1999 *apud* LOCATELLI, 2017)

Por último, as crenças dos participantes sobre “idosos com Aids” demonstraram elementos de preconceito, dor, sofrimento e como sinônimo de morte e fim da vida. Tal resultado é corroborado por outros estudos da literatura que encontraram crenças semelhantes em grupos de idosos (SERRA *et al.* 2013; FURTADO *et al.* 2018; BRANDÃO *et al.* 2019). Como foi supracitado, narrativas que associavam a AIDS como sinônimo de morte foram bastante difundidas na mídia em meados da década de 1980, podendo se ressaltar a divulgação

das constantes dificuldades e características das pessoas famosas afetadas por esse fenômeno (BRANDÃO *et al.* 2019). Tais aspectos contribuíram, em parte, para condutas discriminatórias em relação às pessoas vivendo com HIV. A vivência de situações discriminatórias gera associações simbólicas com a doença, o que contribui para sentimentos de ansiedade em decorrência do medo da rejeição social (SILVA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras “Aids” e “Pessoa idosa com Aids” foram associadas a aspectos negativos que faziam referência à morte e ao sofrimento. A palavra “idoso” foi correlacionada, na maioria das respostas dos participantes, a crenças positivas, embora tenham sido evidenciadas associações com crenças negativas. Tais achados estão relacionados com as crenças sociais sobre a doença neste grupo etário. A identificação das crenças existentes neste grupo etário sobre Aids e pessoas idosas com Aids possibilita apreender os sentidos atribuídos aos fenômenos, suas práticas preventivas, estereótipos, dentre outros aspectos. As crenças apontam para a dimensão individual da vulnerabilidade, bem como são importantes na orientação das condutas e do modo como as pessoas lidam com a própria sexualidade.

Os estudos sobre conhecimentos, atitudes, crenças e práticas são úteis para avaliar previamente uma situação e servir como fundamento na formulação de políticas de prevenção (LUCAS, 1993). Nesse sentido, a compreensão e investigação dessas crenças contribuem para a realização de programas de prevenção e tratamento do HIV/Aids eficazes voltados à terceira idade, reafirmando a importância de compreendê-las.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. *et al.* Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, V. 30, N. 1, P. 8-15, Jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201700003>. Acesso em 01 de setembro de 2021

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRANDÃO, B. M. G. M. *et al.* Social representations of the elderly about HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2019, V. 72, N. 5 [Accessed 4 September 2021], P. 1349-1355. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0296>>. Epub 16 Sept 2019. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0296>.

BOLANOS-GUTIERREZ, M. R.; SUAREZ LUGO, N. Mercadeo del condón para la prevención del VIH/sida en mayores de 50 años de edad en la Habana. *Horiz. sanitario, Villahermosa*, v. 19, n. 3, p. 333-340, dic. 2020. Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-74592020000300333&lng=es&nrm=iso>. accedido en 01 sept. 2021. Epub 19-Feb-2021. <https://doi.org/10.19136/hs.a19n3.3694>.

BRITO, A. M. CASTILHO, E. A. & SZWARCOWALD, C. L. (2001). AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 34(2), 207-217. <https://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822001000200010>. Acesso em 01 de setembro de 2021.

DANIEL, F; ANTUNES, A; AMARAL, I. Representações sociais da velhice. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 33, n. 3, p. 291-301, set. 2015. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 set. 2021. <https://doi.org/10.14417/ap.972>.

KRUGER, Helmuth. (2013). Ideologias, sistema de crenças e atitudes. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia Social: temas e teorias*. Technopolitik

LEITE, M. T., MOURA, C. de, & BERLEZI, E. M. (2007). Doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS na opinião de idosos que participam de grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(3), 339-354. Epub October 24, 2019. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10037>

LOCATELLI, P. A. (2017). As representações sociais sobre a velhice na perspectiva dos usuários de uma instituição de longa permanência. *Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano*, 14(1). <https://doi.org/10.5335/rbceh.v14i1.6107>. Acesso em 01 de setembro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2019) *Boletim Epidemiológico de HIV e Aids* (2019). Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

REIS, C. T., *et al.* (2008). A interiorização da epidemia de HIV/AIDS e o fluxo intermunicipal de internação hospitalar na Zona da Mata, Minas Gerais, Brasil: uma análise espacial. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(6), 1219-1228. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000600003>

SANTOS, A. F. de M., & ASSIS, M. (2011). Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(1), 147-157. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000100015>

SOUZA, C. C. *et al.* (2013). Interiorização do HIV/AIDS no Brasil: Um Estudo Epidemiológico. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde - USCS*. 11. 10.13037/rbcs.vol11n35.1798.

SILVA SOUZA, K. *et al.* Representações sociais do envelhecimento: um estudo com avós idosos que cuidam dos netos e avós que não. **Cienc. Psicol.**, Montevideo , v. 12, n. 2, p. 293-297, nov. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212018000200293&lng=es&nrm=iso>. acessado em 04 sept. 2021. <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v12i2.1693>.

SILVA, J. **Envelhecimento e HIV/Aids**: perfis de vulnerabilidade e atenção psicossocial no estado da Paraíba. Relatório Final, Universal/CNPq 475272/2012-9, Edital nº 14/2012. Campina Grande, PB, Universidade estadual da Paraíba, 2015.

SILVA, J.; PICHELLI, A. A. W. S.; FURTADO, F. M. S. O envelhecimento em cidades rurais e a análise das vulnerabilidades em saúde. In: CARVALHO, C. M. R. G; ARAÚJO, L. F. **Envelhecimento e práticas gerontológicas**. Curitiba: CRV - coedição: Teresina: EDUFPI, 2017. p. 291-310.

SIMÕES, J. A. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro) [online]. 2018, n. 29 [Acessado 1 Setembro 2021] , pp. 313-339. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.15.a>>. Epub May-Aug 2018. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.15.a>.

SERRA, A. *et al.* Percepção de vida dos idosos portadores do HIV/AIDS atendidos em centro de referência estadual. **Saúde em Debate**. 2013, v. 37, n. 97, pp. 294-304. Disponível em: <>. Epub 19 Ago 2013. ISSN 2358-2898.

TORRES, T. L. *et al.* Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2015, v. 20, n. 12 [Acessado 4 Setembro 2021] , pp. 3621-3630. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>.

UNAIDS. **Get on the Fast-Track: The Life-cycle Approach to HIV** (Finding solutions for everyone at every stage of life). UNAIDS Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2016.